



---

Dossiê: Zygmunt Bauman e a Educação

**Entre a liquidez e a instrumentalização das relações de trabalho:  
a (re)produção do sofrimento psíquico docente na pós-graduação\***

**Between liquidity and the instrumentalization of labor relations: the  
(re)production of psychological distress among graduate faculty**

**Entre la liquidez y la instrumentalización de las relaciones laborales: la  
(re)producción del sufrimiento psíquico docente en el posgrado**

Emanoela Thereza Marques de Mendonça Glatz\*\*

<https://orcid.org/0000-0001-9645-3589>

Solange Franci Raimundo Yaegashi\*\*\*

<https://orcid.org/0000-0002-7666-7253>

**Resumo:** Este artigo investiga como a organização social contemporânea, sob a égide do neoliberalismo, tem intensificado e precarizado o trabalho docente na pós-graduação *stricto sensu* pública no Brasil, contribuindo para o sofrimento psíquico dos professores. Com base em uma abordagem teórico-analítica, fundamentada em Zygmunt Bauman, Theodor W. Adorno, Max Horkheimer e Christophe Dejours, discute-se a influência da lógica produtivista e mercadológica na exaustão emocional dos docentes, que enfrentam pressões constantes por produtividade, sobrecarga de atividades e falta de reconhecimento institucional. A pesquisa evidencia que os atuais sistemas de avaliação acadêmica, ao priorizarem métricas quantitativas de desempenho, reforçam a competitividade exacerbada e a alienação do trabalho docente, agravando o quadro de sofrimento mental na universidade. Diante desse cenário, argumenta-se pela necessidade de repensar as políticas de avaliação da pós-graduação, de modo a mitigar os impactos negativos desse modelo e promover um ambiente acadêmico mais sustentável e humanizado.

**Palavras-chave:** Precarização do trabalho docente. Pós-graduação. Sofrimento psíquico.

---

\* Expressamos nossa gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela concessão de bolsa de Doutorado à primeira autora, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro à pesquisa intitulada “Mal-estar docente na universidade: estudo sobre o sofrimento psíquico e as condições de trabalho de professores do ensino superior”, coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Solange Franci Raimundo Yaegashi [Processo: 311591/2023-0]. Dessa pesquisa mais ampla, resultou a elaboração de vários textos, dentre os quais este artigo.

\*\* Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: <manuglatz@hotmail.com>.

\*\*\* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: <sfryaegashi@uem.br>.

**Abstract:** This article examines how contemporary social organization, under the aegis of neoliberalism, has intensified and precarized academic labor in Brazil's public *stricto sensu* graduate programs, contributing to professors' psychological distress. Drawing on a theoretical-analytical approach informed by Zygmunt Bauman, Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, and Christophe Dejours, the study discusses how productivist and market-oriented logics shape the emotional exhaustion of faculty who face constant pressure for productivity, excessive workloads, and a lack of institutional recognition. The research shows that current academic evaluation systems, by prioritizing quantitative performance metrics, reinforce excessive competitiveness and alienation in academic work, deepening mental suffering within universities. In light of this scenario, the article argues for the need to rethink graduate evaluation policies in order to mitigate the negative impacts of this model and foster a more sustainable and humanized academic environment.

**Keywords:** Precarization of academic work. Graduate education. Psychological distress.

**Resumen:** Este artículo analiza cómo la organización social contemporánea, bajo la égida del neoliberalismo, ha intensificado y precarizado el trabajo docente en los programas públicos de posgrado *stricto sensu* en Brasil, contribuyendo al sufrimiento psíquico del profesorado. A partir de un enfoque teórico-analítico sustentado en las obras de Zygmunt Bauman, Theodor W. Adorno, Max Horkheimer y Christophe Dejours, se examina la influencia de la lógica productivista y mercantil en el agotamiento emocional de los docentes, quienes enfrentan presiones constantes por productividad, sobrecarga de tareas y falta de reconocimiento institucional. La investigación muestra que los actuales sistemas de evaluación académica, al priorizar métricas cuantitativas de desempeño, refuerzan la competitividad exacerbada y la alienación del trabajo docente, agravando el sufrimiento mental en la universidad. Ante este panorama, se plantea la necesidad de repensar las políticas de evaluación del posgrado con el fin de mitigar los impactos negativos de este modelo y promover un entorno académico más sostenible y humanizado.

**Palabras clave:** Precarización del trabajo docente. Posgrado. Sufrimiento psíquico.

## Introdução

[...] a natureza do sofrimento humano é determinada pelo modo de vida dos homens. As raízes da dor da qual nos lamentamos hoje, assim como as raízes de todos os males sociais, estão profundamente entranhadas no modo como nos ensinam a viver [...].  
Zygmunt Bauman (2010, p. 24).

O sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman certa vez afirmou que vivemos em uma sociedade líquida, em que tudo é incerto, volátil, instável e comerciável. Segundo ele, a modernidade rompeu com toda e qualquer forma de estabilidade social, deixando em seu lugar um estado contínuo de alerta e insegurança (Bauman, 2005). Esse cenário afeta diretamente a vida de professores da pós-graduação, que lidam constantemente com grande pressão por produtividade, um trabalho cada vez mais precarizado e uma competição constante entre os seus pares (Magnin *et al.*, 2020; Sampaio, 2016). O resultado não poderia ser outro: estatísticas alarmantes que denunciam o intenso sofrimento psíquico experienciado pela categoria docente, associado ao enfrentamento de inúmeras adversidades provenientes de desgastes de sua saúde física e emocional (Almeida *et al.*, 2020; Barreto *et al.*, 2019; Rosa; Cecílio, 2023; Vieira *et al.*, 2020).

Adorno (2015, p. 75) alerta que aquilo “[...] que a ciência separada pela divisão do trabalho projeta no mundo apenas reflete o que nele ocorre”. A fragmentação das habilidades humanas representa uma extensão da divisão do trabalho entre os indivíduos, intimamente ligada ao objetivo de maximizar sua eficácia, facilitando sua manipulação. O indivíduo que não se deixa reduzir à mera função de seu trabalho não se ajusta às normas sociais e econômicas e acaba experienciando, em algum momento, o declínio de seu *status* socioeconômico. Movido pela necessidade de autopreservação e pelo medo de sanções sociais, o sujeito se rende a uma existência limitada. Dessa forma, quanto mais se endurece para se adaptar à realidade, mais perde sua essência, objetificando-se e coisificando-se, definhando-se lentamente para sustentar a sua vida “real” (Adorno, 1951, 1962,

2015). Dessarte, percebe-se que o trabalho intelectual na contemporaneidade ainda se submete à lógica previamente estabelecida e descrita *a priori* por Adorno, uma vez que o capitalismo se consolidou nas instituições acadêmicas, comprometendo a saúde mental de todos os sujeitos partícipes do processo de construção do conhecimento científico.

Mais do que isso, a docência na pós-graduação *stricto sensu* pública brasileira é marcada por desafios que não afetam apenas a qualidade do ensino e da pesquisa no país, mas também sensibilizam de maneira significativa a saúde mental da categoria docente. Pressões relacionadas à produtividade acadêmica, à burocratização das atividades, aos regimes de contratação precários e à crescente exigência por polivalência fazem do contexto universitário um local inóspito e, muitas vezes, hostil. Diante de tais apontamentos, este artigo propõe uma análise sobre a produção/reprodução do sofrimento psíquico de docentes dentro do ambiente laboral da pós-graduação, a partir de contribuições teóricas propostas por Adorno (1951, 1962, 2015), Bauman (2003, 2005, 2007, 2010, 2021), Bauman e Donskis (2014), Benjamin (1987), Dejours (2015), Horkheimer e Adorno (1985) e Marcuse (2015). Além disso, busca estabelecer um diálogo com pesquisas contemporâneas que investigam as condições laborais no meio acadêmico, ampliando a compreensão sobre os fatores estruturais e institucionais que permeiam essa problemática.

O diálogo sobre a saúde mental de docentes dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* tem sido de crescente relevância – ainda que debatido de forma incipiente –, especialmente no contexto das universidades brasileiras, onde os professores enfrentam uma série de desafios decorrentes da estrutura organizacional para a produção do conhecimento científico no país, além das exigências impostas pela ordenação da sociedade capitalista-neoliberal. A pressão por alta *performance*, a competição exacerbada e a constante cobrança por produtividade científica contribuem para o sofrimento desses profissionais, resultando em fenômenos psíquicos como *burnout*, depressão, ansiedade, insônia e outras formas de prejuízo emocional e, muitas vezes, físico (Barreto *et al.*, 2019; Freitas; Navarro, 2019; Glatz; Yaegashi; Caetano, 2024; Vieira *et al.*, 2020; Vivian *et al.*, 2019). A precarização do trabalho docente, associada à lógica produtivista e mercantilizada do sistema que rege a pós-graduação no Brasil, vulnerabiliza a saúde mental dos professores, assim como perpetua um regime laboral exaustivo e, muitas vezes, sobre-humano (Yaegashi *et al.*, 2024).

À vista disso, este estudo objetivou compreender de que maneira a organização social contemporânea, sob a égide do capitalismo, contribui para o sofrimento psíquico dos docentes da pós-graduação *stricto sensu* pública no Brasil. Com base em um estudo teórico qualitativo, este artigo examina as dinâmicas sociais e profissionais que convergem para a constituição do sofrimento psíquico do professor, analisando as formas pelas quais as condições de trabalho e as pressões externas à universidade influenciam o estado emocional e psicológico dessa categoria. A análise teórica fundamenta-se nos princípios da Teoria Crítica da Sociedade, articulando-se aos principais pressupostos de Zygmunt Bauman.

A problemática central deste estudo refere-se ao modo como a organização da sociedade capitalista e neoliberal, orientada pela primazia da produtividade, pela lógica do lucro e pela adaptação às exigências do mercado, contribui para a precarização do trabalho docente no Ensino Superior, promovendo o sofrimento psíquico e comprometendo a saúde mental desses profissionais.

O artigo está organizado em três seções principais, além da introdução previamente apresentada. A primeira seção aborda o neoliberalismo, o produtivismo acadêmico e a precarização do trabalho docente, utilizando os pressupostos teóricos de Zygmunt Bauman, de autores da Teoria Crítica e de pesquisadores contemporâneos para analisar as condições que sustentam e perpetuam o sofrimento psíquico dos docentes no Ensino Superior. A segunda seção examina as implicações

das dinâmicas sociais atuais – como a pressão por produtividade e a competitividade – que desencadeiam o sofrimento nessa categoria profissional. Por fim, nas considerações finais, são tecidas reflexões sobre possíveis estratégias para mitigar tais efeitos, destacando a relevância de práticas acadêmicas mais humanizadas e de uma abordagem mais integrada à saúde mental no contexto universitário.

### **Neoliberalismo, produtivismo acadêmico e precarização do trabalho docente: entre a liquidez e a instrumentalização das relações de trabalho**

A sociedade contemporânea, conforme descrita por Bauman (2003), caracteriza-se pela fluidez, instabilidade e constante reconfiguração das relações sociais e laborais. Esses processos não se limitam a aspectos estruturais, mas também envolvem dimensões simbólicas, afetando diretamente as subjetividades e as experiências dos indivíduos. No contexto da pós-graduação *stricto sensu*, predominante nas universidades públicas, essa “liquidez” manifesta-se de maneira marcante, caracterizando-se pela intensificação da carga de trabalho, impulsionada por metas de produtividade crescentes em meio a recursos escassos, o que leva ao esgotamento profissional. Soma-se a isso a desvalorização da carreira docente, com cortes de vagas e uma dependência crescente de contratos não estáveis, que desestruturaram o planejamento de vida e a autonomia acadêmica (Novaes *et al.*, 2022).

Ainda nesse contexto, a flexibilidade dos contratos nas universidades públicas refere-se diretamente à utilização de docentes substitutos com vínculos instáveis, muitas vezes selecionados via Processo Seletivo Simplificado (PSS). Esses profissionais são contratados por tempo determinado para suprir demandas emergenciais das instituições, sem contar, no entanto, com a estabilidade e os direitos trabalhistas dos professores efetivos. Essa modalidade cria uma insegurança constante, fragilizando o vínculo empregatício e evidenciando a precarização das condições de trabalho de uma parcela significativa do corpo docente, essencial para o funcionamento da pós-graduação – especialmente em muitas universidades estaduais que não abrem concursos públicos há anos (Bernardo, 2020). O resultado desse cenário é, obviamente, a insegurança e a instabilidade constantes, que afetam profundamente a saúde mental dos professores, criando um ambiente de pressões contínuas e de insatisfação.

Não obstante, Bauman e Donskis (2014) evidenciam que a sociedade líquida moderna é caracterizada pela *adiaforização*, um processo que implica a exclusão da avaliação moral dos acontecimentos, preconizando a normalização do modelo de consumo e mercadoria. Esse padrão social se reproduz intramuros institucionais e, consequentemente, é internalizado pelos próprios indivíduos, firmando padrões preestabelecidos para as relações humanas. A versão contemporânea da *adiaforização*, fluida em sua natureza, é inspirada pela dinâmica consumidora, e sua eficácia é alcançada quando introjetada nas interações entre os sujeitos sociais. Em síntese, observa-se uma “cegueira moral” que obscurece a visão crítica dos indivíduos em uma sociedade que enfraquece a capacidade reflexiva do sujeito pensante, aproximando-o de um arquétipo de “cidadania” que o afasta da autonomia intelectual necessária, vulnerabilizando o senso crítico e evidenciando a fragilidade dos *constructos* sociais (Glatz *et al.*, 2023).

A insegurança é um fenômeno que Bauman (2005) descreve como inerente à sociedade contemporânea, na qual a competição exacerbada gera um estado de ansiedade permanente. No contexto acadêmico, essa ansiedade se traduz na instabilidade e precariedade das relações de trabalho, visível na crescente utilização de contratos temporários, na defasagem dos salários, na intensificação do trabalho e na imposição de metas de produtividade, além da escassez de recursos para a pesquisa (Avila, 2021; Braga, 2015; Fávero; Bechi, 2020; Sampaio, 2016). A docência na pós-graduação é, assim, profundamente afetada pela fragmentação das relações laborais, criando um

ambiente volátil e ameaçador. Como Bauman (2010) já destacou, a flexibilização do trabalho não altera apenas as relações profissionais, mas também agrava o desgaste psíquico dos indivíduos, tendo em vista que a constante insegurança e a competição exacerbada minam o bem-estar dos trabalhadores, incluindo os da classe docente.

Essa instabilidade está intimamente relacionada à mercantilização da educação, uma vez que, sob a lógica neoliberal, as instituições acadêmicas se transformaram em empresas e a educação em um produto de mercado (Bauman, 2008; Glatz, 2022). A afirmação de que a educação se transforma em “produto de mercado” sob uma lógica neoliberal pode parecer dissonante no contexto da universidade pública brasileira, que, por sua natureza, não visa ao lucro direto. Contudo, a materialidade dessa mercantilização se manifesta de formas perversas, alterando profundamente a dinâmica interna e as prioridades institucionais. A pressão por eficiência e produtividade, herdada do setor corporativo, leva à instrumentalização do conhecimento e a uma gestão acadêmica que muito se assemelha à lógica empresarial (Lesnieski; Trevisol; Bech, 2023).

Isso se evidencia na ênfase desmedida em indicadores quantitativos de desempenho, muitas vezes à custa da qualidade da pesquisa e da formação (Fávero; Consaltér; Tonieto, 2019; Trein; Rodrigues, 2011). A produção de artigos em periódicos de alto impacto, a captação de recursos para o desenvolvimento de pesquisas via projetos com empresas ou agências e a formação de egressos rapidamente absorvíveis pelo mercado de trabalho tornam-se métricas primordiais. Essa lógica transforma o conhecimento em uma *commodity*, avaliada pelo seu retorno e aplicabilidade, em detrimento da pesquisa fundamental, da extensão comunitária ou de áreas do saber que não geram resultados imediatos ou patenteáveis.

A universidade passa, assim, a funcionar como um fornecedor de “insumos” – pesquisas e mão de obra qualificada – para o mercado, moldando seus cursos e pesquisas conforme as demandas econômicas, e não necessariamente de acordo com as necessidades sociais ou o avanço autônomo do conhecimento. Há, portanto, uma pressão para que o pós-graduando seja um “cliente” e a pesquisa, um “produto” com valor de troca no mercado do conhecimento global, o que descharacteriza o papel social da instituição pública, gerando, não obstante, um distanciamento da função crítica e reflexiva do fazer docente (Lesnieski; Trevisol; Bech, 2023).

No cenário da pós-graduação, a pressão por publicações, pela orientação de alunos e pela busca de resultados de pesquisa extraordinários coloca os professores diante de uma carga de trabalho que ultrapassa a capacidade humana de gestão. Isso potencializa o sofrimento psíquico, conforme revelado pela pesquisa de Rosa e Cecílio (2023), que identificou que 61,4% dos docentes participantes do estudo relataram sofrer intensa pressão para cumprir prazos. Além disso, 60,4% mencionaram que a multiplicidade de tarefas na universidade alonga sua carga horária, enquanto 70,4% demonstraram que a cobrança por resultados e/ou as rigorosas diretrizes para a execução de atividades acadêmicas são as principais dificuldades enfrentadas no ambiente universitário.

A instrumentalização do conhecimento, conforme descrita por Horkheimer e Adorno (1985), é um ponto central para entendermos a infiltração do capitalismo nas Instituições de Ensino Superior. A lógica utilitarista imposta pelo mercado transforma a pesquisa acadêmica em bens quantificáveis, focando apenas na produção de conhecimento com alto retorno mercadológico. Nesse contexto, a autonomia do docente e a liberdade acadêmica são progressivamente diluídas, enquanto os professores são pressionados a gerar resultados que atendam às expectativas de produtividade e aos padrões de avaliação das instituições científicas globais. Esse modelo, que permeia as organizações contemporâneas, fomenta a autoexploração, na qual os docentes internalizam a pressão por desempenho e acabam se desgastando psicologicamente, perdendo o equilíbrio entre as exigências externas e suas necessidades subjetivas e internas (Han, 2017).

Não obstante, sob a mesma lógica, observa-se também uma instrumentalização do pensamento, tendo em vista que, quanto mais um pensamento se distancia das referências cotidianas e das lógicas utilitárias que orientam a vida dos indivíduos imersos na luta diária pela sobrevivência, mais ele se aproxima dos princípios fundamentais da humanidade. Da mesma forma, à medida que se torna menos suscetível a justificações baseadas em benefícios concretos, aplicações práticas ou sua conversão em cifras no mercado financeiro e no comércio, maior é seu potencial humanizador. O que ameaça a autenticidade do pensamento não é sua complexidade ou abstração, mas a insistente busca por sua rentabilidade e a pressa em transformá-lo em mercadoria consumível e dominável (Bauman, 2003; Horkheimer; Adorno, 1985).

O processo de mercantilização da educação, do conhecimento e do pensamento, bem como a subordinação do trabalho acadêmico aos ditames do mercado, pode ser interpretado como uma forma de alienação. A alienação não é apenas um distanciamento do trabalhador em relação ao produto de seu trabalho, mas também se manifesta na perda da capacidade crítica e reflexiva, à medida que o sujeito é reduzido a um simples instrumento dentro de uma lógica produtiva que o desumaniza. Nesse contexto, ao ser impelido a atender às demandas do mercado acadêmico, o docente vê-se desprovido da capacidade de se engajar em um trabalho intelectual genuíno. Essa imposição resulta em um distanciamento das próprias exigências subjetivas de reflexão, dificultando a construção de um conhecimento autêntico, verdadeiramente comprometido com a crítica social e com a preservação da autonomia intelectual (Adorno, 2015; Horkheimer; Adorno, 1985).

Essa alienação também se reflete na própria relação dos professores com sua prática acadêmica. O “fazer docência”, inicialmente concebido como um espaço de reflexão, criação e transformação, torna-se progressivamente uma atividade mecanizada, sem espaço para a realização pessoal ou para a construção de um conhecimento verdadeiramente emancipador. O docente, assim, vê-se alienado tanto do produto de seu trabalho quanto de seu próprio processo criativo, sendo cada vez mais subordinado a critérios externos e impessoais de avaliação.

A lógica capitalista também fragmenta as relações sociais ao incentivar uma competitividade extrema. Essa disputa impõe um regime de isolamento, no qual os docentes são incentivados a se ver como concorrentes entre si, em vez de membros de uma comunidade acadêmica colaborativa (Antunes, 2019; Bauman, 2010; Freitas; Navarro, 2019; Sampaio, 2016). Essa mudança gera uma situação de solidão e estresse, enfraquecendo as relações de colaboração e união entre pares – condições essenciais para o desenvolvimento da educação e da pesquisa.

Nesse sentido, o estudo de Vieira *et al.* (2020) revela que, para 53% dos docentes participantes, a comunicação entre pares é considerada precária. Além disso, 65% deles destacaram a individualização e os conflitos no ambiente acadêmico como as maiores dificuldades no exercício da docência e da pesquisa nos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*. Segundo Antunes (2019), fatores como a competitividade exacerbada, a ausência de senso de pertencimento à coletividade, a comparação constante, a luta de egos e o abuso de poder são os maiores causadores de sofrimento da classe laboral docente dentro das universidades brasileiras. O ciclo de sobrecarga, falta de reconhecimento e competição desenfreada intensifica o sofrimento psíquico, favorecendo o desenvolvimento de *burnout*, além de desencadear ou agravar quadros de ansiedade e depressão.

As condições de trabalho têm sido amplamente identificadas como fator significativo para o desencadeamento do sofrimento psíquico na população mundial. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), mais de 160 milhões de pessoas em todo o mundo padecem de males associados às exigências e às dinâmicas laborais (Birolim *et al.*, 2019). No caso específico da docência, a OIT a classifica como uma das profissões mais suscetíveis ao estresse e à ansiedade, sendo ainda fortemente associada à Síndrome de *Burnout* (Carlotto, 2011).

O *burnout*<sup>1</sup> – que representa um estado de esgotamento físico e emocional causado por condições de trabalho adversas – tem sido amplamente discutido no contexto da docência universitária (Oliveira, 2024; Vivian; Trindade; Vendruscolo, 2020). A pressão constante para atender às exigências de produtividade, aliada a uma carga de trabalho excessiva e a um ambiente altamente competitivo, contribui significativamente para o sofrimento psíquico dos docentes.

Dejours (2015) destaca que a sobrecarga laboral associada à falta de reconhecimento constitui uma mola propulsora do sofrimento psíquico, sendo a Síndrome de *Burnout* uma de suas manifestações mais evidentes. O autor enfatiza que esse sofrimento decorre de um desequilíbrio entre as demandas impostas pelo trabalho e os recursos efetivamente disponíveis para atendê-las.

Na pós-graduação, os professores enfrentam uma sobrecarga de atividades que incluem ensino, pesquisa, extensão, orientação, administração de projetos, editoração de revistas e participação em comitês científicos, muitas vezes sem o suporte institucional adequado para gerenciar todas essas funções (Rosa; Cecílio, 2023). Essa pauperização das condições de trabalho, aliada à pressão por alta produtividade, resulta em uma exaustão física e emocional que, muitas vezes, não é reconhecida pelas instituições, mas que gera danos profundos à saúde mental do trabalhador.

A crítica de Dejours (2015) à relação entre trabalho e sofrimento psíquico é essencial para compreendermos como as demandas desproporcionais no ambiente acadêmico afetam a saúde mental dos sujeitos. De acordo com o autor, quando os trabalhadores não têm controle sobre o seu trabalho e se veem obrigados a cumprir exigências externas sem o devido suporte institucional, ocorre um intenso sofrimento – não meramente individual – que reflete um modelo de trabalho que desconsidera as necessidades emocionais e sociais dos trabalhadores, tratando-os como peças intercambiáveis de uma grande máquina produtiva. Para os docentes pesquisadores, a sobrecarga de tarefas e a pressão por publicações e resultados criam um ciclo vicioso de desgaste emocional e físico, evidenciado pelos altos índices de *burnout* entre a classe.

Essas críticas também se alinham com as de Marcuse (2015), que discute como o capitalismo desintegra as relações humanas e transforma a vida dos indivíduos em uma busca incessante por produção e consumo. O autor argumenta que a racionalidade capitalista não apenas explora o trabalho, mas também empobrece a subjetividade dos trabalhadores, tornando-os incapazes de se relacionar de maneira plena com seu ofício e com os seus semelhantes. No caso dos docentes, a mercantilização da educação reduz a prática acadêmica a um mero cálculo de produção, desconsiderando a necessidade de realização pessoal, autonomia intelectual e bem-estar psicológico e subjetivo desses “operários”<sup>2</sup>.

Assim, a crise do capitalismo mercantilizou setores sociais tradicionalmente não comerciais, como a educação, resultando em um empobrecimento da vida pública e das relações laborais, (re)produzindo um estado de alienação e sofrimento individual. As exigências exacerbadas de produtividade, a fragmentação do trabalho e o aprofundamento das desigualdades sociais são

<sup>1</sup> Em janeiro de 2025, a Síndrome de *Burnout* passou a integrar a Classificação Internacional de Doenças (CID), da Organização Mundial da Saúde (OMS). Os trabalhadores diagnosticados com essa condição passaram a ter assegurados os mesmos direitos trabalhistas e previdenciários garantidos para outras doenças relacionadas ao exercício profissional. Para fins de registro e classificação médica, aqueles que receberem o diagnóstico serão identificados pelo código QD85 da Classificação Internacional de Doenças (CID) (Matos; Carlucci, 2025).

<sup>2</sup> A palavra “operários” é colocada entre aspas para refletir a crítica de Marcuse (2015) à transformação dos indivíduos em peças de uma máquina produtiva, mesmo em contextos fora do setor industrial. No caso dos docentes, a metáfora sugere que, embora sua atividade seja intelectual e não manual, o processo de mercantilização da educação os coloca em uma dinâmica de mera produção e reprodução de um conhecimento científico que compactua com os ditames impostos pelo sistema social.

elementos centrais da dinâmica neoliberal, que amplificam e legitimam o sofrimento como parte intrínseca da experiência do “bem-viver” (Marcuse, 2015).

Aqui, o tempo é escasso e as experiências tornam-se superficiais e desprovidas de significado – um tempo que Benjamin (1987) descreve como vazio. A lógica de eficiência extrema impõe, e a mão de obra humana torna-se, paulatinamente, desvalorizada e alienada por um mercado impiedoso, regido pelo imediatismo superfaturado. Aos docentes universitários, cabe apenas sobreviver às vivências<sup>3</sup> dessa “sociedade do cansaço” (Han, 2017), em que o esgotamento físico e psicológico emerge como consequência direta da produção incessante e da perda da autonomia profissional (Fraser, 2024; Harvey, 2005).

É inegável que o tempo acelerado e comprimido – que não nos oferece espaço para reflexão e é voltado para a geração de lucros – empobreceu nossas experiências pessoais, transformando-nos em sujeitos de desempenho. Vivemos em uma “sociedade do cansaço”, na qual a autoexploração se tornou sinônimo de autorrealização, e a busca incessante por aprimoramento de desempenho leva à consequente perda de vitalidade: “[...] um infarto da alma” (Han, 2017, p. 71).

### ***Publish or perish: uma análise das políticas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)***

Em 2022, a pós-graduação brasileira contava com um total de 84.494 docentes em atividade. No mesmo período, foram registrados 109.548 vínculos empregatícios com Instituições de Ensino Superior, dado que um único docente pode estar vinculado a mais de um Programa de Pós-Graduação, acumulando múltiplas afiliações acadêmicas (Capes, 2024).

Ademais, no que tange ao avanço da produção científica brasileira, observou-se que, com o fortalecimento e a expansão do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), a produção científica tem “evoluído” significativamente, tanto em “volume” quanto em impacto. Entre os anos de 1996 e 2022, houve um aumento de 21% no impacto de citações em comparação à média mundial, enquanto o número de publicações científicas cresceu expressivamente, registrando um incremento de 798%. No triênio 2020-2022, o país alcançou um fator de impacto médio (FWCI) de 0,86, ocupando a 47<sup>a</sup> posição em um ranking global que inclui 51 nações. Apesar da redução de 7,4% na publicação de artigos científicos em 2022, em relação ao ano anterior – a única queda registrada desde 1996 –, o Brasil manteve-se entre os 14 países com maior produção acadêmica no mundo (Capes, 2024).

Observa-se, portanto, uma ênfase significativa na quantidade da produção científica, uma vez que são os indicadores numéricos que determinam a posição do país nos rankings acadêmicos globais. De tal maneira, a máxima *Publish or Perish* refere-se à intensa pressão acadêmica para que pesquisadores publiquem sistematicamente o resultado de suas pesquisas, sob o risco de perderem reconhecimento, financiamento ou até mesmo oportunidades de progressão na carreira docente.

---

<sup>3</sup> De acordo com Benjamin (1987), a experiência possui um caráter intrínseco de significação e reflexão, porém, ao ser transmitida de geração em geração e de indivíduo para indivíduo, desempenha um papel fundamental na evolução tanto social quanto subjetiva dos sujeitos. A experiência, assim, não se restringe ao momento vivido, mas ao processo contínuo de apreensão e compartilhamento de seu conteúdo reflexivo, o qual promove um avanço no entendimento coletivo e individual. Contudo, na ausência de um espaço para o diálogo humanizador e para o devido reconhecimento de cada experiência vivida, esta perde sua profundidade e se reduz a uma mera vivência, desprovida de significação. Nesse cenário, o que se manifesta é uma experiência que transcorre na vida dos sujeitos, mas que não os marca nem lhes proporciona aprendizado transformador – o que implica uma alienação das potencialidades de reflexão e de transformação que a experiência, em sua essência, deveria possibilitar.

Esse fenômeno está diretamente ligado à lógica produtivista que rege a academia contemporânea, especialmente em contextos neoliberais (Farias Júnior, 2020; Fávero; Consaltér; Tonieto, 2019).

No Brasil, a avaliação dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* – realizada pela Capes – tem sido amplamente discutida no que tange à pressão imposta aos docentes para o alcance de altos índices de produtividade acadêmica. A Capes (2021), por meio de suas “Diretrizes e Normas para a Avaliação dos Programas de Pós-Graduação”, estabelece critérios rigorosos para a classificação e a qualificação dos cursos de pós-graduação brasileiros, especialmente no que se refere à produção científica, com ênfase na quantidade e na qualidade das publicações dos docentes e discentes do quadro permanente de cada programa.

O critério de avaliação com foco na produção acadêmica tem sido o principal ponto de tensão entre professores e pesquisadores do país, pois a quantidade de artigos publicados em periódicos de alto impacto, bem como a participação em eventos científicos, são elementos cruciais para a classificação dos programas, ao passo que, quanto maior for a nota atribuída a eles, maiores serão as ofertas e a disponibilidade de bolsas de estudo e de recursos financeiros para a execução de pesquisas extremamente necessárias, mas que são, infelizmente, inviáveis de serem realizadas sem o auxílio de investimentos públicos.

De acordo com as normas da Capes (2021), as publicações científicas são avaliadas principalmente por meio de indicadores quantitativos, como o número de artigos publicados em revistas indexadas e com alto fator de impacto. O *Qualis*, sistema de avaliação de periódicos da Capes, classifica as revistas acadêmicas em diferentes níveis (A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3, B4, B5, C), o que cria uma hierarquia que impõe uma pressão constante sobre os docentes para que publiquem sempre em periódicos indexados de maior impacto (Capes, 2023). Esse sistema de avaliação tem gerado um ambiente competitivo e, muitas vezes, excludente, no qual a qualidade do ensino e da orientação científica é frequentemente secundarizada em relação à quantidade de produções científicas inclusas em cada Currículo Lattes®.

Além disso, a exigência da Capes por produção contínua, sem a devida infraestrutura de apoio, resulta na sobrecarga dos professores. A pesquisa acadêmica, que deveria ser um espaço de reflexão e análise crítica, transforma-se em uma competição pela quantidade, o que, conforme observado por Nunes, Gonçalves e Torga (2022), tem levado muitos docentes à exaustão emocional. A falta de reconhecimento do trabalho docente, que envolve múltiplas funções (como ensino, orientação e gestão acadêmica), é um dos principais fatores que contribuem para o estresse e a ansiedade do professorado, pressionando-os ao cumprimento de metas de produção sem que haja condições adequadas e tempo hábil para realizá-las.

Vieira *et al.* (2020) salientam que mais de 30% dos docentes trabalham entre 60 e 73 horas semanais, estendendo suas atividades para noites e finais de semana. Esse dado reforça a análise de Dejours (2015), para quem a intensificação do trabalho gera uma forma de sofrimento invisível, em que o sujeito internaliza a sobrecarga como um padrão normalizado da profissão.

Não obstante, Vieira *et al.* (2020) consideram ainda que a avaliação da produtividade docente na pós-graduação é superficial, coercitiva e limitada, já que prioriza indicadores quantitativos em detrimento da qualidade da produção científica. Segundo Han (2017), a sociedade contemporânea é reconhecida por estimular, no meio laboral, a autoexploração e a autorresponsabilização, na medida em que os trabalhadores internalizam a exigência por alto grau de desempenho, resultando em exaustão e colapso psíquico.

À vista disso, Santos (2019) aponta, em sua pesquisa, que os sintomas ansiosos, depressivos e de humor foram majoritariamente responsáveis pelo *déficit* econômico apresentado por uma

Instituição Federal de Ensino Superior brasileira, ao registrar, entre os anos de 2013 e 2018, um custo indireto de R\$ 13.934.942,16, ao somar o número de dias de trabalho perdidos decorrentes de absenteísmos e aposentadorias por invalidez de seus funcionários. Já os custos indiretos, calculados com base em licenças médicas designadas a funcionários em sofrimento psíquico, foram estimados em R\$ 11.710.426,29, dos quais 36% desse montante foram referentes a síndromes ansiosas.

Em suas diretrizes, a Capes (2021) também estabelece a necessidade de incremento de bolsas de produtividade para docentes que atingem os níveis mais altos de desempenho, criando uma hierarquia entre os profissionais, o que, em muitos casos, reforça a competitividade em detrimento da cooperação. Essa lógica de competição, enraizada no sistema de avaliação, gera um ambiente acadêmico altamente estressante, caracterizado pela ansiedade constante dos docentes, que devem garantir uma produção científica compatível com as exigências da instituição, a qual almeja manter uma boa posição no *ranking* acadêmico (Fávero; Bechi, 2020; Fávero; Consaltér; Tonieto, 2019; Pinho *et al.*, 2023).

Diante disso, entendemos que a lógica neoliberal, ao transformar a produção acadêmica em um produto quantificável, impõe aos docentes da pós-graduação um ritmo de trabalho insustentável, marcado pela cobrança por alta produtividade. Bauman (2003) argumenta que a modernidade líquida, caracterizada pela flexibilidade, pela transitoriedade e pela insegurança, afeta diretamente as relações de trabalho e, mais especificamente, a vida acadêmica. A liquefação das estruturas sociais, no entendimento do autor, implica que as instituições – incluindo as universidades públicas e privadas – tornem-se cada vez mais instáveis, com constantes reconfigurações de suas funções, contratos temporários e mudanças em suas políticas institucionais. Essa volatilidade leva à precarização do trabalho, gerando um ambiente altamente etéreo e instável. A pressão pela produção acadêmica, exacerbada pelas políticas da Capes, amplia a sensação de incerteza e ansiedade nos docentes, pois a permanência no sistema e a possibilidade de reconhecimento profissional dependem de um desempenho cada vez mais excepcional e utópico.

A solidão e a alienação decorrentes desse antagonismo manifestam-se de forma recorrente na rotina acadêmica, e é preciso “[...] ter a vocação dos gatos para seguir seus próprios caminhos solitários” (Bauman, 2010, p. 53). A racionalidade moderna, de caráter líquido, induz os indivíduos a internalizarem a lógica da competição constante, fazendo com que a busca por estratégias de êxito se torne imperativa. Nesse contexto, prevalece a convicção de que, em um cenário de luta pela sobrevivência, agir com confiança, altruísmo e empatia pode significar a própria ruína, ao mesmo tempo em que, para não ser superado ou descartado, é necessário ser mais rígido e estratégico, evitando ser sobrepujado pelos demais (Bauman, 2021).

Esse raciocínio tem estreita relação com a experiência dos docentes na pós-graduação, pois a mercantilização das relações acadêmicas reduz o exercício da docência a uma atividade passível de quantificação e mensuração. Dessa forma, o ambiente universitário assume contornos mercadológicos, uma vez que a busca por reconhecimento e ascensão profissional se orienta por um pragmatismo instrumental. A permanência nesse sistema torna-se um indicativo de competência dentro de uma lógica que desumaniza as interações profissionais e entre semelhantes, convertendo o ensino e a pesquisa em bens descartáveis, moldados pelas exigências produtivistas e dissociados de um compromisso autêntico com a formação crítica e emancipatória de novos pesquisadores.

Em suma, a lógica do capital se sobrepõe não apenas à saúde mental dos professores, mas também à qualidade do ensino e da formação oferecida aos estudantes. A ansiedade e o estresse, resultantes da pressão por produtividade, afetam a capacidade e o engajamento dos docentes no

processo educativo-científico. A priorização da quantidade sobre a qualidade pode comprometer a formação integral dos estudantes, limitando a capacidade de reflexão crítica e a produção de conhecimento autêntico e relevante (Patrus; Dantas; Shigaki, 2015).

Constatamos, assim, que a pressão frenética por produtividade acadêmica, dissociada de uma análise das condições laborais e dos limites humanos, desencadeia um sofrimento progressivo nos docentes, comprometendo não apenas a saúde física e psíquica desses profissionais, mas também a qualidade da produção científica e intelectual no país. Nesse sentido, a adoção de políticas avaliativas mais flexíveis, que considerem as condições concretas de trabalho e promovam um equilíbrio mais adequado entre ensino, pesquisa e extensão, pode representar uma alternativa viável para mitigar os efeitos deletérios desse modelo produtivista.

Outrossim, convém ressaltarmos que, em um movimento que sinaliza a possibilidade de uma inflexão, a Capes anunciou uma nova política avaliativa para o quadriênio 2025-2028 (Capes, 2025). Essa revisão representa um ponto de virada crucial e necessário, pois preconiza uma reorientação substancial no cerne da avaliação da produção intelectual, abandonando o sistema do *Qualis Periódicos* em favor de uma classificação individualizada dos artigos. Essa guinada estratégica da agência de fomento busca um enfoque distinto: a qualidade da pesquisa nacional emerge como o eixo central, superando a mera métrica quantitativa e/ou o veículo de publicação (Salomão; Santos, 2025).

A nova metodologia integra múltiplos procedimentos avaliativos para a produção científica – desde indicadores bibliométricos diretos de citação até análises qualitativas aprofundadas sobre sua pertinência, avanço conceitual e contribuição científica (Capes, 2025). Ao valorizar explicitamente o impacto social e acadêmico da pesquisa, incentivar a publicação em periódicos nacionais e de acesso aberto e acolher a diversidade de formatos e métricas da produção científica contemporânea, a Capes demonstra, de fato, um esforço para desatar os nós do produtivismo cego (Salomão; Santos, 2025). Tal iniciativa, contudo, somente se traduzirá em uma efetiva atenuação da sobrecarga e do sofrimento docente se for implementada com rigor – sem ceder a novas pressões por quantificação disfarçada – e se for acompanhada de uma transformação cultural que priorize a substância do conhecimento sobre as demandas meramente burocráticas.

## Considerações finais

Este artigo buscou compreender como a organização social contemporânea, orientada pelo capitalismo neoliberal, contribui para a precarização do trabalho docente na pós-graduação *stricto sensu* e, consequentemente, para o sofrimento psíquico dos professores. A partir do referencial teórico adotado, foi possível observarmos que a imposição de uma lógica produtivista e competitiva no ambiente acadêmico compromete não apenas a saúde mental dos docentes, mas também a qualidade da produção científica e do ensino.

A intensificação das exigências por produtividade, aliada à sobrecarga de tarefas e à falta de suporte institucional, tem contribuído para que a docência universitária se transforme em uma atividade exaustiva, pautada por métricas quantitativas que desconsideram os aspectos subjetivos e intelectuais do trabalho acadêmico. Esse modelo, sustentado por sistemas de avaliação que privilegiam a lógica mercadológica, perpetua um ciclo de esgotamento físico e emocional, levando ao adoecimento docente e à desumanização das relações acadêmicas.

Diante desse cenário, torna-se essencial reavaliar os critérios de produtividade impostos aos docentes da pós-graduação, buscando alternativas que conciliem excelência acadêmica e qualidade de vida. Repensar os sistemas de avaliação, flexibilizar métricas excessivamente quantitativas e

promover políticas institucionais que valorizem o ensino, a pesquisa e a extensão em sua integralidade são passos fundamentais para mitigar os impactos negativos desse modelo.

A precarização do trabalho docente não é um fenômeno isolado, mas um reflexo das dinâmicas sociais e econômicas que regem a universidade contemporânea. Assim, enfrentá-la exige não apenas mudanças institucionais, mas também um questionamento estrutural das bases que sustentam esse modelo acadêmico. Somente por meio dessa reflexão será possível avançar em direção a uma universidade que não apenas produza conhecimento, mas que também preserve a dignidade e o bem-estar daqueles que a constroem.

Esperamos que este estudo contribua para o aprofundamento das discussões sobre a saúde mental docente, fornecendo uma análise crítica das condições estruturais que influenciam o sofrimento psíquico dos professores da pós-graduação e sugerindo caminhos para a melhoria de suas condições de trabalho e de bem-estar.

## Referências

- ADORNO, T. L. W. **Ensaio psicologia social e psicanálise**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2015.
- ADORNO, T. L. W. **Mínima Moralia**. Arte e comunicação. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1951.
- ADORNO, T. L. W. **Prismas**: la crítica de la cultura y la sociedad. Tradução: Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Ariel, 1962.
- ALMEIDA, L. P. B. M.; BARRETO, M. F. C.; MARTINS, J. T.; HADDAD, M. C. F. L.; GALDINO, M. J. Q. *Workaholism entre docentes de pós-graduação stricto sensu em enfermagem no Brasil*. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 28, p. 1-8, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4071.3326>
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2019.
- AVILA, V. P. “**No ritmo que a gente está hoje, não é mais desafiante, nem motivador, assim é uma tortura**”: trabalhar, ensinar e resistir. Um estudo psicodinâmico com o coletivo de professores de uma instituição de ensino superior privada. 2021. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- BARRETO, M. F. C.; GALDINO, M. J. Q.; MACHADO, R. P. B.; FERNANDES, F. A. G.; HADDAD, M. C. F. L. Condições de trabalho e saúde de docentes de pós-graduação stricto sensu de letras e linguística. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 50, p. 252-260, 2019. DOI: <https://doi.org/0.18309/anp.v1i51.1334>
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Tradução: Maria de Lourdes Siqueira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. **Cegueira moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. Volume 1. 3. ed. Brasília: Editora Brasiliense, 1987. p. 114-119.

BERNARDO, K. A. S. **Flexibilização contratual no setor público**: condições e relações de trabalho dos professores temporários nas universidades estaduais do Paraná. 2020. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

BIROLIM, M. M.; MESAS, A. E.; GONZÁLEZ, A. D.; SANTOS, H. G.; HADDAD, M. C. F. L.; ANDRADE, S. M. Trabalho de alta exigência entre professores: associações com fatores ocupacionais conforme o apoio social. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1255- 1264, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.08542017>

BRAGA, S. K. C. S. **Precarização do trabalho e seus impactos na saúde do trabalhador**: os professores substitutos da UFES. 2015. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

CARLOTTO, M. S. Síndrome de *Burnout* em professores: prevalência e fatores associados. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 403-410, dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400003>

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Diretrizes comuns da Avaliação de Permanência dos Programas de Pós-Graduação stricto sensu**. Brasília: Capes, 2025.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Documento Técnico do Qualis Periódicos**. Brasília: Capes, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/avaliacao-quadrrienal-2017/DocumentotecnicoQualisPeridicosfinal.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Plano Nacional de Pós-Graduação** (2024-2028). Brasília: Capes, 2024. Disponível em: [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/19122023\\_pnpg\\_2024\\_2028.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/19122023_pnpg_2024_2028.pdf). Acesso em: 10 jan. 2025.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Portaria nº 122, de 5 de agosto de 2021**. Consolida os parâmetros e os procedimentos gerais da Avaliação Quadrienal de Permanência da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2021. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=6742#anchor>. Acesso em: 10 jan. 2025.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. Tradução: Vera Lúcia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2015.

FARIAS JÚNIOR, R. S. “Publish or perish”: o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente. **Revista Cocar**, Belém, v. 14, n. 28, p. 644-663, jan./abr. 2020.

FÁVERO, A. A.; BECHI, D. A subjetivação capitalista enquanto mecanismo de precarização do trabalho docente na educação superior. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, [s. l.], v. 28, n. 13, p. 1-24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14507/epaa.28.4891>

FÁVERO, A. A.; CONSALTÉR, E.; TONIETO, C. A avaliação da pós-graduação e a sua relação com a produção científica: dilemas entre a qualidade e a quantidade. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, n. 51, e14508, p. 1-20, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n51.14508>

FRASER, N. **Capitalismo canibal**: como nosso sistema está devorando a nossa democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

FREITAS, J. A. R.; NAVARRO, V. L. Intensificação do trabalho docente e saúde: estudo com docentes da Universidade Federal de Goiás vinculados a programas de pós-graduação. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 13, n. 3, p. 1032-1057, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14244/198271993084>

GLATZ, E. T. M. M. **A saúde mental na pós-graduação**: um estudo sobre as percepções de pós-graduandos acerca do sofrimento psíquico e das experiências vivenciadas no contexto de pandemia. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022.

GLATZ, E. T. M. M.; YAEGASHI, S. F. R.; CAETANO, L. M. A saúde mental do docente na pós-graduação stricto sensu: uma revisão de literatura. **Plurais – Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 9, n. esp. 1, p. 1-26, 2024. DOI: <https://doi.org/10.29378/plurais.v9iesp.1.19404>

GLATZ, E. T. M. M.; YAEGASHI, S. F. R.; OLIVEIRA, T.; PERIN, C. S. B. Da felicidade epicurista à mortificação do desempenho: o sofrimento psíquico na pós-graduação *stricto sensu*. **Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, n. 30, p. 198-213, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22481/aprender.i30.13721>

HAN, B. C. **A sociedade do cansaço**. São Paulo: Editora Vozes, 2017.

HARVEY, D. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo: Editora Boitempo, 2005.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. L.W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LESNIESKI, M. S.; TREVISOL, M. G.; BECH, D. Gerencialismo e performatividade na Educação Superior: apontamentos sobre a incorporação de uma cultura neoliberal. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 32, p. 686-705, jan./dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.29286/rep.v32ijan/dez.14097>

MAGNIN, L. S. L. T.; FARIA, J. H.; PENTEADO, R. C.; TAKAHASHI, A. R. W. Produtivismo na Pós-Graduação em Administração: posicionamentos dos pesquisadores brasileiros, estratégias de produção e desafios enfrentados. **REAd**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 265-299, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-2311.284.95633>

MARCUSE, H. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015.

MATOS, M. C.; CARLUCCI, M. Síndrome do burnout ganha nova classificação na OMS. **CNN Brasil**, São Paulo, 18 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/sindrome-do-burnout-ganha-nova-classificacao-na-oms/>. Acesso em: 26 jan. 2025.

NOVAES, M. A. B.; SILVA S. M. N.; LIMA JÚNIOR. H. R. R.; GONÇALVES, M. P. Precarização do trabalho dos professores substitutos e temporários na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE). **Perspectiva**, Florianópolis, v. 40, n. 4, p. 1-23, out./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2022.e86468>

NUNES; T. S.; GONÇALVES, J.; TORGÀ, E. M. M. F. Precarização e Função Social: análise dos significados do trabalho de docentes da pós-graduação. **Avaliação**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 68-90, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772022000100005>

OLIVEIRA, A. Síndrome de *Burnout*: um olhar para o esgotamento profissional do docente universitário. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 8, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10990047>

PATRUS, R.; DANTAS, D. C.; SHIGAKI, H. B. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares? **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-18, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-39518866>

PINHO, P. S.; FREITAS, A. M. C.; PATRÃO, A. L.; AQUINO, E. M. Estresse ocupacional, saúde mental e gênero entre docentes do ensino superior: revisão integrativa. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 1-16, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023210604pt>

ROSA, R.; CECÍLIO, S. Condição do trabalho docente na pós-graduação *stricto sensu* em Educação na região do Triângulo Mineiro: fatores em análise. **Educação**, Santa Maria, v. 48, p. 1-32, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984644468582>

SALOMÃO, P. E. A.; SANTOS, A. T. O. Evolução e desafios na avaliação científica: da classificação de periódicos à qualidade intrínseca dos artigos. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, Teófilo Otoni, v. 1, p. 1-17, 2025. DOI: <https://doi.org/10.61164/rmnm.v1i1.3481>

SAMPAIO, P. P. **Ser (in)feliz na universidade**: sofrimento/prazer e produtivismo no contexto da Pós-Graduação em Saúde Coletiva/Saúde Pública. 2016. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

SANTOS, D. P. **Custos indiretos ao adoecimento mental em uma Instituição Federal de Ensino Superior**. 2019. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

TREIN, E.; RODRIGUES, J. O mal-estar na Academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16 n. 48, p. 769-819, set./dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000300012>

VIEIRA, M. H. P.; FONTES, A. R. M.; GEMMA, S. F. B.; MONTEDO, R. B. Produtivismo na pós-graduação na perspectiva da ergonomia da atividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, p. 1-21, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046220223>

VIVIAN, C.; TRINDADE, L. L.; REZER, R.; VENDRUSCOLO, C.; RODRIGUES JUNIOR, S. A. Estratégias de defesa contra o sofrimento no trabalho de docentes da pós-graduação *stricto*

*sensu*. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 217-234, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v22i2p217-234>

VIVIAN, C.; TRINDADE, L. L.; VENDRUSCOLO, C. Prazer e sofrimento docente: estudo na pós-graduação stricto sensu organizacional. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 1064-1071, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17652/rpot/2020.3.18949>

YAEASHI, S. F. R.; CAETANO, L. M.; BIANCHINI, L. G. B.; GLATZ, E. T. M. M. Mal-estar, sofrimento e adoecimento dos professores que atuam na pós-graduação stricto sensu: uma revisão de literatura. **Notandum**, Maringá, 62, e71266, p. 1-27, 2024. DOI: <https://doi.org/10.4025/notandum.vi62.71266>

*Recebido em 15/02/2025*

*Versão corrigida recebida em 22/05/2025*

*Aceito em 05/10/2025*

*Publicado online em 05/11/2025*